



A PINTURA E O DESENHO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O PRIMEIRO CONTATO COM A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Erika Hellen da Silva Araújo - UNEB

Lara Marques de Jesus Santos - UNEB

Marcos Gabriel Matos dos Santos - UNEB

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o resultado da experiência de estágio por meio do componente curricular Pesquisa e Estágio em Espaços Não Escolares na perspectiva da educação inclusiva. O estágio ocorreu em um espaço não formal para pessoas com deficiência no Território do Sertão Produtivo no município de Guanambi na Bahia. Durante a observação, notamos o empenho e entusiasmo em atividades lúdicas, assim como de pintura e desenho, para isso criamos um plano de ação atento às necessidades específicas de cada aluno/a naquele espaço. Os resultados evidenciaram a amplitude da atuação pedagógica, e a pintura e o desenho como elementos significativos no processo de imaginação, criação e na comunicação das pessoas com deficiência.

Palavras-chave: Desenho. Educação Inclusiva. Estágio Não Formal. Formação Docente. Pintura.

INTRODUÇÃO

Este artigo surge a partir do estágio supervisionado proposto pelo componente curricular Pesquisa e Estágio em Espaços Não Escolares com a carga horária de 60 horas - determinado em 20 horas de observação e 40 horas de intervenção.

Selecionamos, a escolha pessoal, para realização do estágio supervisionado em espaço não formal voltada para às pessoas com deficiência em Guanambi na Bahia, situada no território de Sertão Produtivo¹. Tal opção foi motivada pela vontade de conhecer as especificidades do espaço e a amplitude da área de atuação do/a pedagogo/a no curso de Licenciatura em

¹ O território de Identidade Sertão Produtivo comporta 19 municípios: Brumado, Caculé, Caetitê, Candiba, Contendas do Sincorá, Dom Basílio, Guanambi, Ibiassucê, Ituaçu, Iuiu, Lagoa Real, Livramento de Nossa Senhora, Malhada de Pedras, Palmas de Monte Alto, Pindaí, Rio do Antônio, Sebastião Laranjeiras, Tanhaçu, Tanque Novo, Urandi.



Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XII. Ou seja, no que se refere à atuação e formação pedagógica em espaços não formais, e como dito anteriormente com ênfase ao trabalho pedagógico com pessoas com necessidades específicas.

A partir da escuta e das possibilidades, no nosso plano de ação trabalhamos com a pintura e o desenho, tendo como objetivo geral promover um contexto de experiência que ofereça o desenvolvimento cognitivo e a comunicação. Assim, agimos para propiciar um contexto de experiência que possa oferecer a possibilidade de conhecer diferentes formas de linguagem e expressão humana. Salientamos também, que escolhemos uma turma por entender que não conseguiríamos trabalhar com todas existentes no espaço, assim como compreendemos as nossas limitações como ser humano e graduandos no curso de Licenciatura em Pedagogia.

OBJETIVO(S)

- Refletir sobre a amplitude da atuação pedagógica;
- Analisar a importância da pintura e o desenho como elementos significativos no processo de imaginação, criação e na comunicação das pessoas com deficiência.

METODOLOGIA

Tivemos como objetivo no nosso plano de ação conciliar a pintura e o desenho como uma experiência lúdica, essa pesquisa caracteriza-se de campo com abordagem qualitativa mas pautados na metodologia apresentada na análise de Oleques (2019), que para além das artes visuais e o desenho/pintura ser uma atividade prazerosa, possui um objetivo de desenvolvimento mental e linguístico para as pessoas com deficiência. Assim, Oleques (2019) nos relata que as pessoas com deficiência intelectual ao aprenderem a desenhar desencadeiam processos mentais de aprendizagem e memorização que dão suporte a capacidade de compreender conceitos e apropriar-se da linguagem verbal, assim como ampliar sua relação entre objeto e desenho. Ainda, Oleques (2019) acredita que apresentar aos alunos/as a possibilidade de aprenderem a desenhar esquemas gráficos usuais os permitem se expressar de forma artística e criativa. Ou seja, ampliar essa proposta aos indivíduos os garantem a possibilidade de melhor se desenvolverem.



RESULTADOS/DISCUSSÃO

A primeira experiência na turma pré-profissionalizante, que devido a problemas organizacionais tivemos que inverter a ordem das atividades realizadas. Assim como, tivemos que adaptar as atividades de acordo com as especificidades e ritmo dos integrantes da turma. Tendo isso em vista, iniciamos com a leitura da história “Bruxa, Bruxa venha à minha festa” da autora Arden Druce, com a tradução de Gilda de Aquino. O livro pode ser lido com a narração compartilhada, alternando entre pergunta e resposta e apresenta como estrutura uma narrativa que se repete, colocando em evidência os personagens da obra. A intenção com a leitura foi de apresentar a literatura - essa é infantil -, bem como estimular a imaginação a partir das ilustrações realistas do ilustrador Pat Ludlow.

Houve a proposição e estímulo na participação, a interação com o livro voltou-se às ilustrações, que ao contar a história e apresentar os personagens e nomes, a exemplo do *Fantasma* tiveram falas como “*Ui! Que medo!*” — enquanto se abraçava em calafrios ou o *Dragão* que havia espanto. “*Que feio, tio. Olha o tanto de dentes*” — enquanto apontava para o *Tubarão*. Dito isso, a imersão com o livro se evidenciou em sensações por meio do contato com a literatura.

Após isso, solicitamos para que eles se expressassem nas folhas que dispusemos com o auxílio de materiais de colorir e pintura. Deixamos livres para eles desenharem e pintarem o que quiserem, ficando a critério deles ou não inserirem elementos da obra apreciada.

Em outra oportunidade de ação, com ajuda do projetor decidimos falar brevemente da arte e do autorretrato, as obras de alguns artistas e depois utilizamos o curta-metragem *Hair Love* (Amor de Cabelo em tradução livre) para contextualizar com a realidade, por serem, em maioria, pessoas negras e possuírem cabelos crespos e cacheados. Notamos que quando a criança do curta aparece com o cabelo armado, houveram comentários como: “*Levou choque, foi?*”. Ou o ato de associar a pessoas conhecidas/familiares. Tais comentários, constata a presença do racismo/preconceito arraigados na sociedade, mas de certa forma, também de cuidado com a criança, tanto que eles já previram ou recomendaram o penteado, diz tratar os cuidados com o cabelo e proteção. Também, foi evidenciado em falas a exemplo: “*Cadê a mãe*



delas?”. Pode-se notar que por muita das vezes é assumido a função do cuidado e assistência por uma mulher, seja mãe, tia ou avó.

Depois disso, os/as convidamos para que fizessem o autorretrato, introduzindo os elementos que desejassem, seja formas geométricas ou flores - como foi o desejo de alguns. Mas antes, fizemos uma breve abordagem de como se estruturar um desenho, no quadro desenhamos um rosto, aprendendo o formato da cabeça, posição dos olhos, nariz, boca, e acessórios que poderiam ou não utilizar, e de certa forma, aprendendo sobre o formato do rosto e características físicas únicas e subjetivas de cada um.

Nisso, alguns perceberam sobre a curvatura e cor do seu cabelo, o tamanho e inclinação do seu nariz, ou o tamanho dos lábios.

Ainda, por estarmos ensinando as formas básicas que se constitui o desenho. Alguns copiaram exatamente o que estava no quadro, interferimos dizendo que eles deveriam colocar suas características, e de certa forma, isso foi falho porque notamos que precisávamos de um espelho que os auxiliasse a perceber os aspectos e particularidades do próprio rosto de quem desenhava.

No geral, também nos abrimos a escutar os alunos, por meio da retrospectiva dos acontecimentos vividos durante a intervenção, eles contaram sobre o que gostaram (a maioria dizia que foi desenhar) pois era uma atividade lúdica, como também do ensaio que estavam fazendo para o dia das mães.

No que se refere às outras formas de comunicação que não se restringe a verbalidade e oralidade, notamos que eles estavam mais confortáveis com a gente, participando e aceitando os materiais que trouxemos - em contraste do que ocorreu nos primeiros dias, a preferirem seus próprios recursos. a destaque, temos a fala de uma aluna, o que interpretamos que ela fez o pedido para que dispusemos os lápis, o que fizemos. *"Preciso falar pra minha mãe comprar mais lápis, os meus estão poucos!"*. Outro momento perceptível e tocável foi um relato de outra aluna que nós disse: *"Eu gostei de vocês dois."* Assim como outros que perguntaram que dia iríamos voltar, o que mais iríamos fazer, onde morávamos, porque nunca haviam nos visto pela cidade. Isto é, interpretamos como pedidos para o nosso retorno.



Depois que cada um fez os seus desenhos (autorretrato), estávamos desenhando com eles o ícone do espaço não formal presente no uniforme, pedimos que nos ajudassem a lembrar as características do ícone, nisso um aluno que não verbaliza, comunicou que estávamos desenhando mal, então convidamos ele a nos ajudar a desenhar oferecendo um piloto para ele, uma colega quis desenhar uma casa.

Uma das autoras perguntou o que isso significava, a escrita do nome dela, e ele disse que o desenho estava ruim, então ela decidiu escrever o nome dele, ele riu e bateu palmas enquanto apontava para si.

Por fim, participamos de outras atividades como o “Dia da Piscina” em que todos estavam livres para ouvir música, nadar ou fazer qualquer outra coisa na área da piscina, alternando entre o que propúnhamos e o cronograma do espaço.

CONCLUSÕES

Acreditamos que compartilhar essa experiência possamos refletir sobre a amplitude dos espaços de atuação dos/as pedagogos/as para além da sala de aula, como em associações comunitárias e ou desempenhando funções de gestão. E a educação especial estando presente, a ação pedagógica desempenhada deve atender as especificidades de todos/as presentes naquele espaço, bem como adaptação do local/recursos dispostos. Também aprendemos com o espaço, pois notamos que todos/as podem se comunicar, verbalmente ou não, a partir de desenhos, gestos e atitudes. E por isso, que a pintura e o desenho mostraram-se alternativas para além de úteis nesse processo de desenvolvimento nas formas de comunicação e processo criativo, mas também de fruição nos sentidos multissensoriais e culturais humanos.

REFERÊNCIAS

OLEQUES, Liane Carvalho. **Desenho infantil e o Ensino de Artes Visuais: desenhando com crianças com deficiência intelectual**. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 564-581, set./dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.92301>